

Síndrome Burnout Em Médicos Veterinários No Brasil

Burnout Syndrome in Veterinarians in Brazil

Ana Karolina Batista Leite¹, Vitor Hugo Vieira Da Costa Peixoto¹, Aryana Dias De Abreu²

1 Aluna do Curso de Medicina Veterinária

2 Professora Doutora do de Medicina Veterinária

Resumo

A presente revisão de literatura tem como objetivo abranger sobre os principais fatores que influenciam para o surgimento da Síndrome de Burnout nos profissionais veterinários e a partir dessa perspectiva transmitir a importância e fidedignidade de uma prática médica veterinária mais humanizada, responsável e atenta às questões de saúde mental. Para isso, inicialmente faz-se um estudo sobre a origem e evolução da Medicina Veterinária no mundo e no Brasil, apresentando-a até o nível que a profissão se tornou vulnerável a problemas trabalhistas. Posteriormente apresenta-se a definição de Síndrome de Burnout, como pode acontecer e em quais profissões está mais presente, tendo um destaque as profissões da área da saúde. Por fim, finalmente faz-se a explanação da condição especificamente na Medicina Veterinária, apresentando os fatores de maior relevância para o acometimento da condição em profissionais veterinários, na intenção de adquirir melhores perspectivas preventivas para esse problema de saúde pública.

Palavras-Chave: Burnout na Medicina Veterinária, Burnout no Brasil, Suicídio na Medicina Veterinária.

Abstract

This literature review aims to cover the main factors that influence the emergence of Burnout Syndrome in veterinary professionals and, from this perspective, convey the importance and reliability of a more humanized, responsible and attentive veterinary medical practice. To this end, a study is initially made on the origin and evolution of Veterinary Medicine in the world and in Brazil, presenting it up to the level that the profession has become vulnerable to labor problems. Subsequently, the definition of Burnout Syndrome is presented, how it can happen and in which professions it is most present, with emphasis on health professions. Finally, the explanation of the condition is made specifically in Veterinary Medicine, presenting the most relevant factors for the involvement of the condition in veterinary professionals, with the intention of acquiring better preventive perspectives for this public health problem.

Keywords: Burnout in Veterinary Medicine, Burnout in Brazil, Suicide in Veterinary Medicine.

Contato: ana.leite@souicesp.com.br; vitor.peixoto@souicesp.com.br; aryana.abreu@icesp.edu.br

Introdução

A história da humanidade é acompanhada pela prática médica, seja humana ou veterinária, desde os tempos remotos. Para os antigos pensadores a prática e conhecimento médico não se limitavam apenas ao indivíduo, mas a uma maneira de entender a origem e funcionamento de todo o universo (Sant'ana, 2010). Um desses antigos pensadores era Hipócrates de Cós (c. 460 a.C. a 377 a.C.) considerado e reconhecido como o pai da medicina. Diferente do pensamento comum da época, Hipócrates enxergava a doença como um fenômeno natural e não como um castigo divino, e de forma empírica, ele fez grandes avanços em

áreas medicinais, desde a anatomia até a ética e doenças mentais (Sant'ana, 2010).

Assim como Hipócrates é tido como o pai da medicina, Aristóteles (383 a.C. a 322 a.C.) é reconhecido como o pai da Medicina Veterinária. Esse último, como um observador atento e dedicado criou os tratados *Historia Animalium*, *De partibus Animalium* e *De Generatione Animalium*, dedicados à classificação, comportamento, fisiologia, anatomia, embriologia e patologia animal (Sant'ana, 2010).

A atenção e curiosidade sobre o funcionamento e saúde animal provêm de tempos muito antigos, mas o nascimento oficial do que foi co-

nhecido como ensino da *Ars Veterinariae* passa a ser explicado pelo contexto histórico da França setecentista. No reinado de Luís XV, surgiu a necessidade de formar especialistas na arte de curar os animais, devido às impressionantes epidemias de doenças infecciosas, que levavam um grande número de animais a óbito. Diante das circunstâncias, o governo de Luís XV planejou uma reforma agrária que permitisse prevenir as grandes perdas provocadas pelas epizootias e com o apoio do promotor de reforma Henri Léonard Bertin e o advogado Claude Bourgelat, nasceu, em 4 de agosto de 1761, em Lyon, na França, a primeira Escola de Medicina Veterinária do mundo (Sant'ana, 2010; Oliveira, 2018).

No Brasil, o interesse pelo ensino da Medicina Veterinária só nasceu quando o imperador Dom Pedro II, ao viajar para a França em 1875, visitou a *École Vétérinaire D'Alfort* e aspirou que no Brasil tivessem escolas que seguissem os mesmos critérios científicos, mas apesar de seus longos esforços, seus projetos não tiveram sucesso. Foi somente em 1910 que o ensino dessa ciência médica se tornou obrigatório no país (Oliveira, 2018) e, desde então vem passando por grandes evoluções e tomando espaços cada vez mais significativos na sociedade, principalmente levando em conta o constante processo de domesticação dos animais. A parceria entre animais e seres humanos, por milhares de anos, proporcionou diversas vantagens e, hoje eles já são considerados membros da família (Oliveira, 2019; Melo *et al.*, 2022).

No Brasil, a Medicina Veterinária teve grande evolução em comparação ao seu ano de nascimento, visto que até o ano de 2017, o Ministério da Educação divulgou 351 escolas de Medicina Veterinária em atuação no Brasil (Brasil, 2017; Zani, 2020). Nosso país formou em 2016, 8.750 novos médicos-veterinários e esse número de formados têm aumentado em proporções muito maiores que as vagas de emprego ofertadas (Bra-

sil, 2017; Zani, 2020). Dessa forma, nos últimos anos a profissão demonstrou um crescimento exponencial, além da sua importância para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Essa importância evidencia-se através de serviços de atenção à saúde e bem-estar dos animais, à saúde pública, produção de alimentos e em diversas atividades voltadas para a preservação ambiental e saúde do planeta (Barwaldt *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022). O aumento da demanda dos serviços veterinários é reflexo do estreitamento da relação homem animal, que gerou o que hoje é reconhecido como humanização dos animais (Zastrutzki *et al.*, 2021), ou seja, quando o animal passa a representar uma forma de reafirmar a relação com a natureza justificada nos benefícios emocionais, sociais, cognitivos e terapêuticos (Fischer *et al.*, 2022). Atualmente as exigências e cobranças aos médicos veterinários aumentaram, intensificando sua jornada de trabalho, que somada ao desequilíbrio entre a vida pessoal e profissional e a autocobrança constante e intensa, tornam-se os principais fatores para o aumento do estresse profissional e consequente desencadeamento da Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional (Barwaldt *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022).

Profissões de atenção à saúde, como a Medicina Veterinária, têm sido acometidas pela Síndrome de Burnout, por desenvolverem atividades que podem levar ao extremo cansaço e exaustão. Por estarem acostumados a produzir mais com recursos diminuídos, pela crescente demanda e exigência, o trabalho do profissional de saúde sofre dificuldades e os quadros de frustração e esgotamento profissional se manifestam (Mota *et al.*, 2017; Barwaldt *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022).

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo abranger os principais fatores que influenciam o surgimento da Síndrome de Burnout nos profissionais veterinários e, a partir dessa perspectiva, transmitir a importância e fidedignidade de

uma prática médica veterinária mais humanizada, responsável e atenta às questões de saúde mental.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de revisão bibliográfica integrativa da literatura, utilizando-se as seguintes bases eletrônicas de dados científicos: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Public Medline (PubMed) e Google Acadêmico.

O critério de inclusão considerou artigos publicados pelos últimos 10 anos, a considerar literaturas que trazem definições que ainda são válidas acerca do tema. A atenção primordial para composição da presente pesquisa foi dada a artigos publicados entre o ano de 2020 e 2023, nos idiomas português, espanhol e inglês, utilizando os seguintes descritores: "Síndrome de Burnout", "Síndrome de Burnout na Medicina Veterinária", "Síndrome de Burnout em veterinários no Brasil", "Humanização animal", "Prevenção", "Suicídio na Medicina Veterinária".

A partir das buscas em bases eletrônicas os artigos passaram por uma leitura exploratória minuciosa, a fim de encontrar dados compatíveis entre si e que correspondam com os objetivos gerais e específicos do presente trabalho.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A origem da Medicina Veterinária;

O aprofundamento sobre a história da Medicina Veterinária tem grande importância dado que não se trata apenas do conhecimento sobre a cura dos animais, mas com o início de tudo que hoje é conhecido. A domesticação dos animais, que no caso dos felinos domésticos (*Felis catus*) iniciou-se entre 8 e 10 mil anos atrás (Vigne et al., 2004; Driscoll et al., 2007; Almeida, 2015) e no caso dos cães há aproximadamente 32 mil anos (Thalmann, 2013), foi o berço da civilização e, graças a esse avanço, existe um grau de harmonia na relação entre homens e animais. Pode-se dizer que a Medicina Veterinária nasceu assim que o homem primitivo começou a domesticar os animais, há aproximadamente 15 mil anos (Dressel, 2015; CFMV, 2019; Alves, 2019).

A prática médica, seja humana ou veterinária, acompanha a história da humanidade desde os tempos mais remotos (Sant'ana, 2010). Os primeiros métodos de diagnose, tratamento e diagnóstico tiveram início por volta de 4.000 anos a.C. de acordo com documento descoberto no Egito em 1890, o Papiro de Kahoun, (CFMV, 2019). De acordo com Sant'ana (2010), para os antigos pensadores a prática médica era uma

cosmogonia, não se limitava apenas ao indivíduo, mas a compreensão da origem e funcionamento de todo o universo. Uma perspectiva que se assemelha muito à proposta da Saúde Única (One Health) nos dias atuais, que nos remete à saúde do todo, na qual a saúde humana, saúde animal são interdependentes e vinculadas à saúde do ambiente e seus ecossistemas (Lobo et al., 2021). Um desses antigos pensadores é Hipócrates de Cós (c. 460 a.C. a 377 a.C.) que por unanimidade é reconhecido como o Pai da Medicina. Diferente de muitos, Hipócrates entendia a doença como um fenômeno natural e não como um castigo divino e por meio de métodos empíricos ele fez grandes avanços em áreas como anatomia, fisiologia, patologia geral, terapia, diagnóstico, prognóstico, cirurgia, obstetrícia, ginecologia, doenças mentais e ética (Sant'ana, 2010).

Equiparado à Hipócrates, Aristóteles (383 a.C. - 322 a.C.) é considerado o Pai da Medicina Veterinária. Esse último, como um observador atento e dedicado criou os tratados *História Animalium*, *De partibus Animalium* e *De Generatione Animalium*, dedicados à classificação, comportamento, fisiologia, anatomia, embriologia e patologia animal (Garcia, 2009; Sant'ana, 2010; CFMV, 2019). De acordo com a tradição grega, o último dos grandes pensadores de influência para o avanço da Medicina Veterinária foi Claudius Galeno (129-200 d.C.), o mais influente médico da Era Romana que através de dissecações em animais vivos fez inúmeras descobertas anatômicas e fisiológicas (Sant'ana, 2010).

Quanto às escolas de ensino médico, embora já existissem universidades na Europa desde antes do descobrimento do Novo Mundo, a medicina ainda não conseguia explicar nem curar grande parte das doenças, já que os microrganismos como as bactérias, os vírus e os fungos ainda não eram conhecidos e, os tratamentos eram hegemonicamente empíricos. Nessa época ainda se acreditava que a origem das doenças, tanto em homens quanto em animais, era por meio dos chamados miasmas (Garcia, 2009; Sant'ana, 2010). De forma que a necessidade de uma avaliação criteriosa dos animais, dando os primeiros passos para a origem da Medicina Veterinária, se deu com o incentivo da corrida dos cavalos, no século XVIII, quando foi inaugurado o Jockey Club, em 1927, em Londres (Dressel, 2015; Oliveira, 2018).

Os equinos eram animais de muita importância em muitos países, não só pelo esporte, mas também pelo transporte de pessoas e mercadorias, no trabalho em agricultura e na guerra. Com a corrida e também com a caça à raposa, esportes de grande apreço pelas elites sociais, a saúde de cavalos e cães bem treinados precisou ser preservada, o que beneficiou a todos os equinos, até mesmo aqueles que não eram usados para esse fim (Oliveira, 2018). Quanto aos bovinos, durante a estação fria os animais ficavam em

ambientes restritos, o que gerava suscetibilidade a transmissão de doenças entre eles. Por isso, os proprietários passaram a perceber que as doenças que acometiam a si próprios pareciam atacar também aos animais (Garcia, 2009; Sant'ana, 2010).

Antes do nascimento das primeiras escolas de Medicina Veterinária, na Europa havia aqueles que eram denominados de "albeytar" que exerciam a medicina animal. Até o início dos anos 1700 existiam práticos sem instrução, a saber ferreiros e fazendeiros, que exerciam o que futuramente viria a ser a profissão de veterinário. Posteriormente, estudantes renomados como John Hunter, um novo tipo de profissional com grandes interesses no estudo e tratamento de animais, começaram a surgir, levando a publicação de trabalhos sobre a criação de animais e a ciência veterinária (Garcia, 2009; Sant'ana, 2010; Oliveira, 2018).

O ensino oficial da *Ars Veterinarie* se iniciou a partir do reinado de Luís XV, que previu que formar especialistas na arte de curar animais era algo imprescindível. Dessa forma, seu governo tinha a intenção de fazer uma reforma agrária para prevenir as perdas exponenciais provocadas pelas epizootias, além de gerir melhor os recursos e formar agricultores. Logo, a Medicina Veterinária foi sendo gradativamente pensada e organizada a partir de critérios científicos, levando à criação da primeira escola de Medicina Veterinária do mundo, em 4 de agosto de 1761, em Lyon, França, sob criação do advogado francês Claude Bourgelat, que apreciava cavalos (Garcia, 2009; Sant'ana, 2010; Dressel, 2015; Oliveira, 2018; CFMV, 2019).

Evolução da Medicina Veterinária no Brasil

Enquanto a medicina se desenvolvia na Europa, no Brasil a precariedade sanitária era acentuada, o que fazia com que médicos e cirurgiões europeus tivessem medo de se aventurar e colocar sua sobrevivência em risco. Dessa forma a Medicina do país sempre teve maior influência indígena e africana, até início do século XIX, quando foram criadas as primeiras Escolas de Medicina no Brasil. O exercício da Medicina Veterinária estava gradualmente sendo aceito nos países europeus, levando ao surgimento de cursos em diversas cidades a partir do século XVIII e XIX. No Brasil as primeiras escolas só foram fundadas no regime republicano, no início do século XX (Oliveira, 2018).

Em 1875, em uma viagem à França, Dom Pedro II almejou que no Brasil tivessem escolas com os mesmos princípios científicos vistos em sua visita à *École Vétérinaire D'Alfort*, foi quando o ensino da Medicina Veterinária começou a ser pensado no Brasil. Porém, apesar de grandes esforços, muitos de seus projetos não alcançaram o desejado sucesso, onde somente em 1910, foi assinado o primeiro documento que tornava obrigatório o ensino do ofício no Brasil.

Inicialmente houve o decreto da criação das duas primeiras escolas do Brasil, sendo a primeira a Escola de Veterinária do Exército, no Rio de Janeiro, inaugurada em 17 de junho de 1914. A segunda foi a Escola Superior de Agricultura e Veterinária no Rio de Janeiro, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRRJ. O ensino na área civil era voltada à produção animal, mais tarde, à clínica de pequenos animais e à Saúde Pública. Posteriormente muitos estados do país foram inaugurando novas escolas (Dressel, 2015; Oliveira, 2018; CFMV, 2019).

Em 9 de junho de 1920, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária foi fundada, sendo que em 09 de setembro de 1933, por um decreto do então presidente, Getúlio Vargas, foi estabelecida a regulação da profissão no país, data que foi escolhida para a comemoração desse profissional no Brasil (Dressel, 2015; Oliveira, 2018; CFMV, 2019).

Hoje, a Medicina Veterinária está entre os cursos mais procurados nos vestibulares de universidades públicas. Essa profissão vem ganhando grande importância, diversificando áreas de atuação, formação de especialistas e pós-graduados com mestrado e doutorado, integrando desde a clínica de animais de companhia e de animais de produção até a atuação em saúde pública, e também aumentaram as possibilidades de trabalho em diferentes especialidades e serviços públicos ou privados (Dressel, 2015; Oliveira, 2018).

Comparativamente ao ano de fundação da primeira escola de no Brasil, onde poucos foram os graduados, o alto número de procura e formação nos dias atuais merece reflexão (Oliveira, 2018). Até o ano de 2017, o Ministério da Educação divulgou 351 escolas de Medicina Veterinária em atuação no Brasil, sendo apenas 48 universidades federais. Fora do país, em 13 países com intensa atividade veterinária existiam 191 escolas. (Brasil, 2017; Zani, 2020).

Nosso país formou em 2016, 8.750 novos médicos-veterinários. O número de formados têm aumentado em proporções muito maiores que as vagas de emprego disponíveis, mesmo o nosso país sendo líder em produção de proteína animal e o terceiro do mundo na indústria de pequenos animais (atrás da China e dos Estados Unidos) (Brasil, 2017; Zani, 2020). Atualmente, o Brasil possui 536 escolas com autorização de funcionamento, 22 no modelo Ensino a Distância (EaD). No mundo, há 320 cursos superiores na área (CFMV, 2023).

Uma análise aprofundada sobre a forma que os novos médicos veterinários têm sido inseridos nas áreas de atuação disponíveis é de extrema importância. Vários aspectos devem ser analisados, desde a graduação do profissional, área de atuação que requerem maiores demandas

adaptação às atividades, tempo de espera até a obtenção de uma atividade que condiz com o nível profissional, remuneração média e nível de satisfação pessoal (Oliveira, 2018).

Diante dessa perspectiva, entre os anos de 1980 e 2023 a Medicina Veterinária tem mostrado um crescimento quase incontrolável. Por conta desse crescimento, recentemente o CFMV entrou com uma ação civil para impedir a abertura de novos cursos, devido a fragilidade que o curso e a profissão têm demonstrado perante a sociedade e o seu impacto no bem-estar dos seres e do ambiente (CFMV, 2023).

Síndrome de Burnout

Sartre em seu projeto existencial traz o ideal de que o ser humano existe antes de ser. Dentro dessa visão, cada indivíduo seria então preenchido de nada e caminharia de modo a se desenvolver enquanto busca por sua essência. Pensando por esse aspecto e considerando que no mundo contemporâneo o trabalho tem grande relevância na vida de um indivíduo, este torna-se uma referência de concretização pessoal e social, cumprindo com seu papel de manutenção na existência (Santos, 2020).

O termo Burnout é de origem inglesa e sua tradução vem de "Burn" (queimar) e "out" (fora) e significa "queima após desgaste". A tradução e interpretação do termo dá origem à Síndrome de Burnout (SB), uma patologia que está relacionada ao desgaste físico e emocional gerado pelo excesso de atividades e sobrecarga no trabalho (Mota *et al.*, 2017; Santos, 2020). Uma pessoa em extremo estado de estresse devido ao trabalho consome-se emocionalmente e fisicamente e passa a apresentar comportamentos de agressividade e irritação, de forma figurada passa por um estado de queima interna e vai deixando de funcionar, atingindo um estado de exaustão total (Mota *et al.*, 2017; Moreira *et al.*, 2018; Santos, 2020).

Historicamente o termo foi usado primeiro pelo autor Graham Greene, em seu romance "A Burnt-Out Case", traduzido para o português como "Um caso arrumado", onde descrevia a história de um arquiteto que não encontrava nenhum significado em sua profissão e nem prazer na vida. Posteriormente o termo foi retomado e introduzido na psicologia de Freudenberg, que descreveu o burnout como um estado de cansaço, exaustão e frustração em uma atividade profissional que não condiz com as expectativas esperadas (Varela, 2020; Valsania *et al.*, 2022).

As pessoas mais expostas a estas consequências são aquelas que exercem profissões que envolvem a prestação de cuidados aos outros, e quanto mais o profissional investe de si na tentativa de dar resposta às necessidades dos

outros, maior é o risco em desenvolver sintomas negativos associados à sua profissão (Freudenberg, 1974; Varela, 2020). O estado de Burnout seria uma reação crônica aos estressores interpessoais, já que o local de trabalho e a sua organização podem ser fatores que provocam sofrimento e desgaste nos trabalhadores. O colapso mental acontece quando há o declínio do ideal como indivíduo e do propósito, gerando a percepção de que a dignidade que dava sentido às atividades foi completamente abalada. A relação do trabalhador com a profissão vai se deteriorando e o estado de euforia que existia no início da carreira vai dando lugar a uma imensa necessidade de evitar o trabalho e o contato com colegas da profissão (Santos, 2020). Para caracterizar esse quadro sintomatológico, Freudenberg cita a fadiga, a depressão, a irritabilidade e a inflexibilidade, associado a todos os estados emocionais que antes foram citados (Cândido & de Souza, 2017; Moreira *et al.*, 2018).

Alguns autores apresentam sintomas mais delimitados e por meio de fases, sendo, fase de aviso onde os primeiros sinais são de natureza emocional como ansiedade, depressão, tédio, apatia e fadiga emocional. Esses podem levar até um ano para aparecer e mudanças pequenas na rotina antes do agravamento podem reverter tais sinais. A fase dos sintomas moderados ocorre quando há o agravamento da primeira fase com associação de novos sintomas como distúrbios de sono, dores de cabeça, resfriados, problemas estomacais, dores musculares, fadiga física e emocional, irritabilidade, isolamento e depressão mais grave. E por fim, tem-se a fase de consolidação, caracterizada por fadiga emocional e física generalizados, abuso de substâncias como álcool, medicamentos e cigarros. Especificando mais, nessa última fase observa-se pressão alta, problemas cardíacos, enxaqueca, alergias de pele, problemas de relacionamento fora do trabalho, redução de apetite, perda de interesse sexual, ansiedade, choros constantes, depressão e pensamentos rígidos, incluindo ideais suicidas (Cândido & de Souza, 2017).

A Síndrome de Burnout precisa da presença do fator de ligação "trabalho" para ser diagnosticada corretamente e, assim, desvincular-se de outras alterações mentais como depressão, estresse de rotina e ansiedade. Ou seja, toda a exaustão física, mental e emocional deve necessariamente estar ligada ao trabalho. Como este ocupa uma parcela significativa do tempo de um indivíduo, teoricamente o mesmo deveria causar grande realização, o que está completamente ausente em casos de Burnout (Cândido & de Souza, 2017).

É relevante pontuar que uma condição como a Síndrome de Burnout é dita multifatorial, pois o cenário que a envolve é de grande complexidade. Mas estudos contundentes conseguiram apontar três fatores frequentemente encontrados em casos

dessa síndrome, a saber, a despersonalização, a exaustão emocional e o baixo envolvimento pessoal no trabalho ou a desvalia profissional (Menezes *et al.*, 2017; Moreira *et al.*, 2018; Santos, 2020). Esses fatores estão ligados às características do ambiente de trabalho e são capazes de ocasionar sofrimento psíquico se apresentando em conjunto ou de forma independente (Santos, 2020). A despersonalização engloba o distanciamento de pacientes, clientes e colegas de trabalho e a falta de empatia com o outro. Já a exaustão emocional se refere aos sentimentos de cansaço e ausência de energia emocional e, por fim, a desvalia profissional é caracterizada pela sensação de incapacidade e autoestima reduzida em relação ao trabalho (Menezes *et al.*, 2017; Moreira *et al.*, 2018).

De forma a alcançar uma avaliação fidedigna dos fatores presentes na Síndrome de Burnout, em 1981, Maslach e Jackson desenvolveram um instrumento denominado Maslach Burnout Inventory (MBI), que avalia diversos itens e os compara. Trata-se de um questionário com 22 questões sobre sofrimento em relação ao trabalho e à frequência de sintomas (Moreira *et al.*, 2018).

As primeiras pesquisas sobre a Síndrome de Burnout verificaram que profissionais que precisam manter um contato direto com a clientela e que demandam alto nível de stress no dia a dia, como profissionais de saúde (médicos e enfermeiros), serviços sociais e educacionais, seguranças, controladores de voo, executivos em geral e jornalistas, são mais suscetíveis a desenvolver o esgotamento pelo trabalho (Cândido & de Souza, 2017; Moreira *et al.*, 2018). Os profissionais de saúde, em particular, apresentam números de casos que se destacam. Na área da Medicina a presença de Burnout é crítica, apontando 1 a cada 2 médicos afetados a nível mundial. De acordo com o conselho federal de Medicina, no Brasil 23,1% dos médicos apresentam a Síndrome de Burnout em fase avançada (Cândido & de Souza, 2017).

Nesse contexto, a Síndrome de Burnout é um problema de saúde pública, um dos mais importantes riscos psicossociais ocupacionais na sociedade atual, podendo acarretar diversos prejuízos para indivíduos e organizações. A condição tem sido considerada um problema social de extrema relevância, já estudada em vários países, mas com estudos ainda prematuros no Brasil (Menezes *et al.*, 2017; Moreira *et al.*, 2018; Valsania *et al.*, 2022). No decorrer da 72ª Assembleia-Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), em maio de 2019, foi aprovado o decreto que assinala a inserção, pela primeira vez, da síndrome de Burnout na Classificação Internacional de Doenças (CID) (Público, 2019; Valsania *et al.*, 2022). Por se tratar de um “fenômeno ligado ao trabalho”, a OMS incluiu a Síndrome de Burnout na nova classificação

internacional de Doenças (CID-11), prevista para entrar em vigor em 2022 (Gontijo *et al.*, 2021). Na edição anterior, em 2019, a condição era categorizada em “problemas associados” ao emprego ou desemprego. Atualmente a Síndrome de Burnout é definida como um fenômeno ligado ao trabalho que afeta a saúde profissional e é resultante do estresse crônico no ambiente laboral que não foi bem administrado. A principal mudança trazida pela CID-11 é a caracterização dos três elementos presentes na síndrome: Sensação de esgotamento; cinismo e sentimentos negativos relacionados ao trabalho; e redução da eficácia profissional (Perniciotti *et al.*, 2020).

Apesar da maioria dos estudos abranger profissionais da área da saúde, na Medicina Veterinária no Brasil os dados ainda são escassos, mas já tem demonstrado que as pessoas que exercem esse ofício são acometidas pela Síndrome de Burnout por diversas razões, desde as condições de trabalho a questões psíquicas da formação, incluindo a culpa e o medo de errar (Zani, 2020; Varela, 2020). Esses profissionais são alvo de grande preocupação na sociedade, já que têm um elevado risco de suicídio, sendo um padrão observado em todo o mundo (Varela, 2020). Segundo Bartram, Baldwin e Yardegafar (2009) a Medicina Veterinária possui uma taxa de suicídio quatro vezes maior do que a população geral e duas vezes maior a outras profissões da área da saúde.

Síndrome de Burnout em médicos veterinários no Brasil;

Os dilemas vivenciados pelos profissionais veterinários juntamente com suas questões emocionais, vem gradativamente ganhando atenção e sendo objetos de estudos, dada a importância e preocupação com a saúde mental (Zani *et al.*, 2020; Deponti *et al.*, 2023), além dos potenciais efeitos de esgotamento profissional por se tratar de um problema de saúde com manifestação silenciosa (Melo *et al.*, 2022; Veleza, 2022). A literatura brasileira ainda se mostra prematura em estudos de saúde mental em veterinários e em relação à prevalência da Síndrome de Burnout nessa categoria. Porém, estudos recentes voltados a essa investigação em profissionais de diversas áreas da saúde demonstram que há uma alta exaustão emocional e baixa realização profissional, semelhante a profissionais da enfermagem, medicina, fonoaudiologia, educação e atletismo (Melo *et al.*, 2022).

A realização de eutanásias, horas de trabalho exaustivas, forte apego e empatia pelos pacientes, pacientes que não evoluem, condições de trabalho limitadas, excesso de cobrança dos tutores, condição financeira restrita, equipe profissional reduzida, falta de reconhecimento na profissão, altos níveis de ansiedade e depressão são fatores

relacionados ao desenvolvimento da síndrome em médicos veterinários. Em destaque, encontra-se os altos níveis de pensamentos suicidas e suicídios que fazem com que essa classe receba mais atenção em comparação a outras áreas da saúde (Weinborn *et al.*, 2019; Zani *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022; Deponti *et al.*, 2023).

A profissão de medicina veterinária é reconhecida como uma das mais vulneráveis em termos de estresse no trabalho (Weinborn *et al.*, 2019), devido ao convívio constante desses profissionais com eventos traumáticos, com a dor dos pacientes e também dos tutores, com sofrimento e, inclusive com a morte. Esses acontecimentos fazem parte da rotina diária na clínica de pequenos animais, sujeitando esses profissionais ao estresse e esgotamento (Zani *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022; Veleda, 2022). Contraditoriamente, esses profissionais ainda não são reconhecidos como fundamentais na área da saúde e acabam assumindo um papel secundário e de baixa relevância perante a cultura da sociedade (Barwaldt *et al.*, 2020). De acordo com Weinborn *et al.* (2019) e Melo *et al.* (2022), os veterinários mais acometidos pela Síndrome de Burnout são os recém-formados, aqueles com um menor tempo de serviço e menor remuneração.

Em um estudo comparativo entre a Medicina Veterinária e outras profissões da saúde, constatou-se que aqueles possuem maiores problemas relacionais e interpessoais, assim como um maior consumo de bebidas alcoólicas e entorpecentes (Melo *et al.*, 2022). Esses são sinais frequentemente percebidos na fase de consolidação da Síndrome de Burnout, segundo Cândido e de Souza (2017). O conhecimento do médico veterinário a respeito da Síndrome de Burnout e das grandes possibilidades de acometimento pelos profissionais da área é de extrema importância pois permite a atenção preventiva e a procura por ajuda de profissionais de forma precoce, minimizando o impacto que essa condição gera na profissão e na sociedade (Barwaldt *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022).

A humanização de animais como causa de Burnout em profissionais veterinários

A parceria entre animais domésticos e seres humanos, por milhares de anos, proporcionou diversas vantagens tanto para o homem quanto para animais e, hoje, além de serem considerados membros da família, são também de grande valia para a Medicina Veterinária em terapias assistidas por animais (TAA) (Oliveira, 2019; Melo *et al.*, 2022). Apesar de ainda haver uma cultura que coloca médicos veterinários em papel secundário e de baixa relevância perante a sociedade, a Medicina Veterinária, nos últimos anos, vem demonstrando grande importância para o desenvolvimento social e econômico do Brasil,

através de serviços de cuidado à saúde e bem-estar dos animais, saúde pública, produção de alimentos e atividades voltadas para a preservação do meio ambiente e saúde do planeta (CFMV, 2018). A indústria pet no Brasil, por exemplo, teve grande ascensão em 2017, tendo faturado cerca de 20,3 bilhões, crescendo 7,9% em comparação a 2016 e, para o ano de 2018 estimou-se que o Brasil estaria no ranking entre os países que mais faturariam, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (EUA) e Reino Unido (Barwaldt *et al.*, 2020). Em 2020 o setor faturou cerca de 27,2 bilhões, o que sinaliza um crescimento de aproximadamente 31,4% em comparação aos anos anteriores.

Esses altos valores têm total relação com o aumento da população de animais domésticos, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE (2013), no Brasil, existe cerca de 132,4 milhões de animais de estimação, destes, 52 milhões são cães e 22 milhões, gatos. Esses números, em conjunto com a relação de afeto crescente entre pet e tutor, refletem de forma muito positiva na economia (Pinto, 2018; Barwaldt *et al.*, 2020). Além disso, atualmente os pets deixaram de ser vistos apenas como animais de estimação, sendo-lhes atribuída a humanização, que é de grande relevância na sociedade brasileira atual quando somada com outros fatores como o casamento tardio, o menor número de filhos e a atribuição de *status* de membro da família (Zastrutzki *et al.*, 2021; Fischer *et al.*, 2022). O animal diante de todo o seu histórico de benefícios para o homem e de evolução sensiente, por meio de uma domesticação antropocêntrica, passa a representar uma forma de reafirmar a relação com a natureza justificada nos benefícios emocionais, sociais, cognitivos e terapêuticos (Barwaldt *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022; Fischer *et al.*, 2022).

Como consequência à humanização dos animais, o mercado exige profissionais extremamente qualificados, o que aumenta as exigências, as cobranças e a responsabilidade destes profissionais, além de levar a jornadas de trabalho extremamente exaustivas que duram em média 44 a 54 horas semanais. A carga horária elevada, alinhada ao desequilíbrio entre vida pessoal e profissional e a intensa autocobrança, além da cobrança social, com a responsabilidade em atender as expectativas dos tutores dos animais, que já não os veem como animais, são fatores que podem aumentar o estresse laboral e alavancar o esgotamento profissional. Todo esse quadro pode findar com a manifestação da Síndrome de Burnout e os diversos riscos associados a ela, como o sentimento de frustração e o surgimento de pensamentos suicidas (Barwaldt *et al.*, 2020; Varela, 2020; Melo *et al.*, 2022).

Eutanásia: O cessar da dor animal e o limiar da dor no Veterinário;

Médicos Veterinários estão expostos a diferentes tipos de sofrimento, tanto o de seus pacientes, os animais, quanto o de seus clientes, os tutores dos animais (Varela, 2020). Um dos principais fatores de sofrimento quando comparado a outras áreas na saúde é que esses profissionais são os únicos que podem recomendar e realizar eutanásia, lidando com a morte três vezes mais que médicos de humanos (Varela, 2020; Barwaldt, *et al.* 2020; Melo *et al.*, 2022). A eutanásia é ato em que o profissional médico irá abreviar a morte do paciente, na intenção de cessar seu sofrimento, visto que o paciente se encontra em grande sofrimento e está em estágio terminal ou quando apresenta risco à saúde pública (CFMV, 2016; Melo *et al.*, 2022) Essa prática só pode ser realizada por profissional veterinário, sendo de responsabilidade exclusiva e regulada de acordo com a constituição Brasileira via Resolução N° 1000, de 11 de maio de 2012 (CFMV, 2012).

A eutanásia é um dos maiores desafios encontrados por médicos veterinários quando diz respeito às dificuldades na tomada de decisão, fazendo com que sejam tomados por intenso sofrimento psíquico quando o processo realmente se faz necessário (Ilićživojinovic *et al.*, 2020). As situações de exposição a essa prática são diversas, quer em situações que não há nada a fazer pela vida do animal e esta é a única forma de cessar o sofrimento do pet, quer em situações que é requerido que a eutanásia seja feita pela parte dos próprios tutores, por vezes por razões financeiras ou por pressões externas. São momentos que o profissional pode entrar em conflitos internos proveniente de dilemas éticos e morais (Varela, 2020). Situações assim podem ocorrer repetidas vezes, e são de extremo desgaste emocional, afetando não somente aos tutores, mas também aos veterinários, que sem o preparo psicológico ideal podem desenvolver a Síndrome de Burnout (Varela, 2020; Barwaldt, *et al.* 2020; Melo *et al.*, 2022; Depontiet *al.*, 2023).

Para Quain (2021) a decisão de acabar com o sofrimento do animal é um privilégio do médico veterinário, no entanto, ele assume e reforça que essa responsabilidade pode levar a danos psicológicos consideráveis, devido ao alto nível de estresse envolvido no ato e em tudo que o envolve, como o sofrimento do tutor. De acordo com Depontiet. *al.* (2023) discutir sobre a eutanásia e sobre o impacto desse ato na saúde mental dos médicos veterinários é de extrema importância, ainda que os estudos estejam em fase de amadurecimento. O tema é de grande relevância por envolver aspectos éticos, emocionais, psicológicos e econômicos. Além disso, os avanços e resultados desses estudos contribuem para o ambiente científico nacional e internacional, preenchendo lacunas que estão

deficientes sobre o assunto.

A relação da Síndrome de Burnout com suicídio na Medicina Veterinária

Dados epidemiológicos têm indicado que a profissão Medicina Veterinária possui uma taxa de suicídio quatro vezes maior que a população geral e duas vezes maior a outras profissões de saúde (Zani *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022). Uma pesquisa realizada no período de 2006 a 2009, indicou que no Brasil a taxa de suicídio de Médicos Veterinários é de 10,6 em relação à população geral, sendo a profissão com maior taxa de suicídio, à frente da Medicina (5,8) e da Enfermagem (3,6) (CFMV, 2020; BARWALDT, *et al.* 2020). Uma outra pesquisa constatou que médicos veterinários em países como Estados Unidos, Escócia, País de Gales e Austrália, possuem índices maiores, onde 2% já tentou suicídio e 16% afirma pensar em realizar (Melo *et al.*, 2022). Já em outros países como na Bélgica, 14% dos Médicos Veterinários possuíam sinais da síndrome do esgotamento profissional, mesmo afirmando estarem realizados. Além disso, mulheres e profissionais da área de pequenos animais são considerados mais propensos a apresentar os sinais de Síndrome de Burnout (Barwaldt, *et al.* 2020).

São diversas as razões que tornam as taxas de suicídio maiores que em outros grupos, como sintomas depressivos e altos níveis de ansiedade, gerados pelo estresse até a facilidade no acesso a drogas que podem ser usadas como instrumentos para planejar e completar o ato (Zani *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022). É perceptível que médicos veterinários estão, de alguma forma, mais suscetíveis a quadros de instabilidades mentais e tentativas de autoextermínio, necessitando de atenção especial em termos de estratégias preventivas (Witte *et al.*, 2019; Melo *et al.*, 2022). A causa para tal decisão pode ser de ordem multifatorial, incluindo a prática de eutanásia, pacientes que não evoluem, autocobrança, condições de trabalho limitadas e por vezes precárias, excesso de cobrança dos tutores, desvalorização, rotinas exaustivas, condição financeira restrita, equipe profissional reduzida. Todos esses fatores favorecem para o desgaste emocional, frustração profissional e quebras de expectativas com respeito a profissão, caracterizando aspectos relevantes da Síndrome de Burnout e uma das suas piores consequências, o suicídio (Zani *et al.*, 2020; Melo *et al.*, 2022).

Considerações finais

Diante do proposto, a partir da busca por literaturas que apresentassem dados compatíveis a respeito da ocorrência de Síndrome de Burnout na Medicina Veterinária, é interessante considerar

CURY, A. **Ansiedade 2- Auto-controle: Como controlar o estresse e manter o equilíbrio**. Benvirá, São Paulo (SP), BR. 2016.

DARCANHY, M. V. *et al.* **SÍNDROME DE BURNOUT - LIMBO JURÍDICO PREVIDENCIÁRIO E TRABALHISTA**. Relações Internacionais no Mundo Atual. 2019.

DEPONTI, P. S. *et al.*, **Percepções do médico veterinário a respeito da eutanásia animal e a relação com sua saúde mental**. Ciência Rural, v.53, n.5, 2023.

DRESSEL, T. S. **A Medicina Veterinária na história da humanidade: A ciência dos animais na base das civilizações**. Trabalho realizado no componente curricular de História do Centro de Educação Básica Francisco de Assis. Salão do conhecimento. Luz, ciência e vida. UNIJUI. 2015.

DRISCOLL, C. *et al.* **The Near Eastern Origin of Cat Domestication**. Revista Science, n.317. 2007

FISHER, M. L. *et al.* **Humanização dos animais de companhia: por uma educação ambiental animalitária**. Revista Brasileira de Educação Ambiental. São Paulo, V. 17, No 4: 35-56, 2022.

FRANCO, T. *et al.* **As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 35, n. 122, p. 229-248, 2010.

FREUDENBERGER, H. J. **Staff burn-out**. Journal of social issues, 30(1), 159-165. 1974.

GARCÍA, O. R. **Historia de la Medicina Veterinaria**. Revista electrónica de Veterinaria. ISSN: 1695-7504. Vol. 10, Nº 5B. 2009.

GONTIJO, M. C. C. *et al.*, **Síndrome de burnout: Uma revisão de literatura a respeito da doença e sua relação com a profissão médica**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.5, p. 19778-19796 sep./oct. 2021.

ILIČIŽIVOJINOVIĆ, j. *et al.* **Predictors of burnout among belgrade veterinary students: a cross-sectional study**. plosone, v. 15, n. 3, p. e0230685, 2020.

MELO, J. K. A. *et al.* **Análise da Síndrome de Burnout em médicos veterinários do agreste de Pernambuco**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.8, n.11, p. 76151-76168. DOI:10.34117/bjdv8n11-362 2022.

LOBO, M. P. *et al.* **Saúde Única: Uma visão sistêmica**. 1. ed. – Goiânia : Editora Alta Performance, 2021. 69 p.; Ebook.

MENEZES P. C. M. *et al.* **Síndrome de Burnout: Uma análise reflexiva**. Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 11(12):5092-101. 2017.

MOREIRA. H. A. *et al.* **Síndrome de Burnout em médicos: uma revisão sistemática Burnout.** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. 2018.

MOTA. G. S. *et al.* **Síndrome de Burnout em profissionais de saúde: uma revisão bibliográfica de literatura.** Revista Eletrônica Acervo Saúde. Vol. Sup. 5, S237-S241. 2017.

Ministério da Saúde. **Síndrome de Burnout: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção.**

Disponível em:

<http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental/sindrome-deburnout>. 2019.

OLIVEIRA. M. C. A. **Interação dos campos mórficos na Medicina Veterinária: A Relação humano-animal sob uma visão sistêmica.** Trabalho de Conclusão de Curso para avaliação no componente curricular TCC II. Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. Medicina Veterinária. Gama-DF. 2019.

OLIVEIRA. S. J. **Inserção da medicina veterinária na história do Brasil.** Veterinária em Foco. Canoas v.16 n.1 p.32-45. 2018 Veterinária em Foco, v.16, n.1, jul./dez. 2018.

PERNICIOTTI. P. *et al.* **Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção.** Revista sociedade brasileira de psicologia hospitalar. vol. 23 no. 1, Rio de Janeiro.2020.

PINTO, N. S. **Bem-estar animal: relação homem – animal no conceito da humanização de animais.** Centro Universitário de Formiga, Formiga, Minas Gerais, 2018.

Disponível em:

<https://repositorioinstitucional.uniformg.edu.br:21015/xmlui/handle/123456789/636>.

PÚBLICO. **Burnout já está na lista das doenças da Organização Mundial da Saúde.** Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/06/20/ciencia/noticia/burnout-ja-classificada-doenca-organizacao-mundial-saude-1874339>. 2019.

QUAIN, A. **The gift: Ethically indicated euthanasia in companion animal practice.** Veterinary Sciences, v.8, n.8, p.141, doi: 10.3390/vetsci8080141. 2021.

SANTOS, K. C. R. **Síndrome de Burnout: Definição, fatores causadores e possibilidades de enfrentamento.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 09, Vol. 02, pp. 12-20. 2020.

SANT'ANA. M. M. **História da Medicina Veterinária.** Escola Universitária Vasco da Gama. Mestrado Integrado em Medicina Veterinária. 2010.

SASS, S. D. **A noção de projeto na psicanálise existencial de Sartre.** Revista Limiar - vol. 2, nº 4. 2016.

THALMANN, O. *et al.* **Complete mitochondrial genomes of ancient canids suggest a European origin of domestic dogs.** Revista Science. 2013.

VÄÄRIKKÄLÄ, S. *et al.* **Veterinarians Experience Animal Welfare Control Work as Stressful.** Frontiers in Veterinary Science, v.7, p. 77, 2020.

VALSANIA, E. S. *et al.* **Burnout: A Review of Theory and Measurement.** Int. J. Environ. Res. Public Health <https://doi.org/10.3390/> 2022.

VARELA, R. M. C. **Burnout em profissionais de saúde animal: Um estudo integrativo com variáveis individuais, relacionadas com o trabalho e psicossociais.** Mestrado em Psicologia Social e das Organizações. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa-PT. 2020.

VELEDA, P. A. **Fadiga por compaixão em médicos veterinários: Uma ferida invisível.** Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Medicina Veterinária da universidade federal de Santa Maria. Santa Maria-RS. 2022.

VIGNE, J. *et al.* **Early Taming of the Cat in Cyprus,** Science n.304, 2004.

WITTE, T.K. *et al.* **Suicides and deaths of undetermined intent among veterinary professionals from 2003 through 2014.** Journal of the American Veterinary Medical Association. 2019.

WEINBORN, R. M. **Burnout Syndrome Prevalence in Veterinarians Working in Chile** Austral J Vet Sci 51, 91-99. 2019.

ZANI, G. L. **Síndrome de Burnout em médicos veterinários clínicos de Curitiba-PR.** Dissertação a apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Clínicas Veterinárias do Departamento de Clínicas Veterinárias do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Clínicas Veterinárias. Londrina-PR. 2020.

ZASTRUTZKI, R. G. *et al.* **Humanização animal: como os animais estão deixando de ser propriedade para se tornarem membros da família.** XII Encontro internacional de produção científica da Unicesumar. 2021.

